

Os Marcadores Conversacionais na Entrevista de uma Estudante Leste-Timorense*

Juliana Fresqui**
Karla Bittencourt**

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar os marcadores conversacionais em posição inicial da frase, que são normalmente utilizados como estratégia para chamar a atenção do ouvinte, e os marcadores conversacionais que ocorrem no interior da frase, que, em geral, são utilizados para pedir o consentimento e aprovação do ouvinte para o que está sendo dito, a partir de alguns conceitos teóricos operacionais da Análise da Conversação (FÁVERO, 2001; MARCUSCHI, 1989; KERBRAT ORECCHIONI, 2006 e KOCH, 1992), tais como o de tópico discursivo e o de turno conversacional, além de alguns aspectos culturais. O *corpus* do trabalho é composto por uma entrevista realizada pelo programa Globo Universidade na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), localizada há poucos quilômetros de Fortaleza e responsável pela integração lusófona no Brasil, pelo fato de receber estudantes de vários países da CPLP e Timor - Leste. Fez-se necessário um recorte no material gravado, já que o que nos interessava era apenas a entrevista de uma aluna leste-timorense. A transcrição dos dados foi realizada conforme as normas e convenções do projeto NURC.

Palavras-chave: Análise da conversação; Marcadores conversacionais; Timor-Leste.

* Texto conclusão de disciplina de "Análise da conversação", ministrada pela professora Vanessa Burgo, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL.

** Mestrandas em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ CPTL.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the functions of the discourse markers in initial position of the sentence, which are usually used as a strategy to have listener's attention, and the discourse markers that occur within the sentence, in general, are used to ask the consent and approval of the listener for what is being said, from a few theoretical concepts of operating Discourse Analysis (FÁVERO, 2001; MARCUSCHI, 1989; KERBRAT ORECCHIONI, 2006 e KOCH, 1992), such as the topic of discourse and conversational turn, and some cultural aspects. The linguistic corpus of this paper consisting for the interview made for the program GloboUniversidade in the Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), located a few kilometers from Fortaleza and responsible for Lusophone integration in Brazil, because this University receive students from various countries of the CPLP and Timor - Leste. Was made a cutout in the recorded material, since what mattered was the only interview a student leste-imorese. The transcription of data was carried out according to the norms and conventions of the NURC project.

Keywords: Discourse Analysis; discourse marker; Timor-Leste.

Introdução

Entre paisagens exuberantes e amanheceres avermelhados, a terra do sol nascente possui uma história marcada por invasões e usurpações de poder e autoridade suprema, Timor-Leste, um dos países mais jovens, localizado na parte oriental da ilha de Timor, entre o sudoeste asiático e o Pacífico Sul, a 500km da Austrália, com cerca de 480km de comprimento e 100km de largura, com uma área de quase 19.000 km², enraizado no seu contexto histórico, possui dois momentos conturbados de colonização, o primeiro, que durou mais tempo, foi enquanto colônia portuguesa e, o segundo, com tonalidade vermelho sangue, foi o domínio indonésio, marcado por violência e resistência, guerrilhas e genocídios, luta e esperança, mas aos 30 dias do mês de agosto de 1999, nascia uma nova nação, Timor-Leste independente, com isso iniciou-se o momento esperançoso da nação leste-timorense.

Quando, em meados de 1512 e 1520, os portugueses chegaram à ilha de Timor, encontraram uma nobre madeira com odor agradável, que posteriormente passou a ser usada na fabricação de luxuosos móveis e perfumes. No ano de 1903 foi descoberta a existência de petróleo na costa timorense, o que causou grande interesse por parte dos japoneses no território. Além do petróleo, a localização geográfica da ilha é estratégica, pois, está entre Austrália, Filipinas e Indonésia, e com fácil acesso a China, com isso, Timor-Leste foi invadido durante a II Guerra Mundial e utilizado pelos japoneses como campo de concentração, o índice de mortos neste período foi considerável.

Aproximadamente depois de 450 anos de colonização portuguesa, que a capital, Dili, passou a ter luz elétrica, os timorenses eram considerados por Salazar como um povo atrasado e que não necessitava de muita infraestrutura, escolas, esgoto, hospitais e água, recursos que só chegaram por volta dos anos 70. Foi em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos¹, que iniciou o processo de descolonização das colônias portuguesas.

No período de 25 de abril à 28 de novembro de 1975 o país descolonizado tentava se organizar politicamente e constitucionalmente, no entanto, após a declaração da independência no dia 28 de novembro de 1975 e com 09 dias de país independente o exército indonésio invadiu e bombardeou a capital, bem como o resto do país. Aparentemente a ONU condenou a invasão indonésia, mas não teve nenhum efeito. A partir deste período, iniciou o momento colorido por vermelho sangue na história de Timor-Leste, foram 25 anos de massacre e repressão, 200 a 300 mil timorenses mortos, seja por fome, por deslocamento forçado ou pela violência indonésia. Uma resistência passou a ser organizada nas montanhas e nas densas florestas que havia na paisagem natural do território, utilizadas como esconderijo

¹ Recebeu este nome porque as pessoas começaram a colocar flores, cravos, nos fuzis dos soldados portugueses.

por aqueles que não concordavam com o que estava acontecendo, quando encontrados suas cabeças eram decepadas e expostas, com o intento de afugentar os possíveis traidores do governo indonésio.

Autoridades políticas chegaram a considerar que o ocorrido em Timor-Leste foi, após o holocausto nazista, o maior genocídio do século XX, cerca de 50% da população leste-timorense foi eliminada. O povo já estava cansado de tanta violência, aclamavam por independência e pela paz. Xanana Gusmão, que era o líder da resistência, foi preso e condenado à prisão perpétua. Somente em outubro de 1996 que o genocídio ocorrido em Timor-Leste ganha reconhecimento internacional, devido à atribuição do Premio Nobel da Paz ao bispo Bello e a Ramos Horta, Xanana Gusmão ainda preso recebe a visita de Mandela, que começa a pressionar as autoridades indonésias para a liberdade do então antigo líder da resistência.

Finalmente Portugal intervém, enquanto ex-colonizador, e negocia uma consulta popular com a Indonésia, sobre o futuro do território leste-timorense, a ONU foi o órgão responsável em supervisionar o plebiscito, no dia 30 de agosto, cerca de 98% da população vai as urnas e 78,5% dos votantes escolhe a independência. Naquele momento as milícias e os militares indonésios iniciaram o último ato violento e sanguinário que impressionou o mundo, homens caçando homens com imensos facões e armas de fogo, matando qualquer um que possa ter votado a favor da independência. Depois que os estrangeiros foram retirados, a fúria dos militares e das milícias era muito intensa e no momento não pôde ser contida, a população ficou esquecida.

Por fim, as Nações Unidas, cria uma força internacional e intervém com o que estava ocorrendo. Posterior às negociações com a Indonésia, ao entrarem no país, encontram um país totalmente devastado e queimado. No entanto, havia também o sentimento esperançoso que restou da população daqueles que começavam a sair dos esconderijos e regressavam as cidades, no dia 30 de agosto de 1999 nascia

uma nova nação, Timor Leste, único país Asiático com língua oficial portuguesa, escolhida democraticamente pela população que foi às urnas fazer jus ao primeiro direito enquanto República Democrática do Timor-Leste, o voto. Escolhido pela maioria da população, a língua portuguesa, enquanto língua co-oficial, foi eleita por ter sido a língua do colonizador, por ter feito parte da luta de resistência contra o regime militar indonésio e por proporcionar um desenvolvimento científico e tecnológico ao país, além de conviver harmoniosamente com as outras línguas e dialetos existentes no país.

A escolha por esse material de análise se justifica por Timor-Leste ter escolhido a língua portuguesa como língua oficial por meio de um plebiscito, ser o único país no sudeste asiático com língua oficial portuguesa e um contexto histórico diferenciado das outras ex-colônias, além de ser membro permanente da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa, doravante CPLP. Em uma aula magna realizada em Maputo-Moçambique, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmou “Nenhum tema é tão capaz de unir e transformar um país quanto a educação” após estas sábias palavras do então presidente do Brasil e em comum acordo com os países parceiros da CPLP, resolveram criar uma universidade preocupada com a integração dos países de língua portuguesa, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, localizada há 66km de Fortaleza, na cidade de Redenção, é uma das instituições de caráter internacional, que se difere das demais por ter como principal objetivo a integração dos países que falam a língua de Camões, com o intento de contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico destes países. O processo de seleção para ingresso na Universidade para brasileiros é pelo Enem, já para os candidatos oriundos dos países de língua portuguesa² é por apresentação de

² Os países com língua oficial portuguesa são: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Portugal.

interesse na Embaixada do Brasil, no setor de missão diplomática brasileira, do país de origem.

No dia 23 de março de 2013, foi ao ar pelo programa Globo Universidade, uma entrevista gravada na UNILAB, as entrevistas que compõem o programa foram feitas com alunos de diversas nacionalidades, entre elas, uma leste-timorense, Maria Evangelina que está há 02 anos estudando na Unilab sem regressar a terra natal para visitar seus familiares. Fizemos um recorte no programa e nos alçamos no trecho de entrevista com a leste-timorense.

Esta análise será conduzido pelas teorias da Análise da Conversação, tem como intuito de analisar os Marcadores Conversacionais e as posições que foram utilizados durante a entrevista, que pode ser dividida em 03 partes, a primeira ocorre em um lugar aberto, a segunda na biblioteca e a terceira na República Estudantil, onde a entrevistada mora com outros estudantes de diferentes nacionalidades. O que caracteriza a entrevista segundo Fávero (2001, p.79) “seu objetivo é sempre o inter-relacionamento humano, mas os direitos dos participantes não são os mesmos, pois o entrevistador faz as perguntas e oferece em seguida o turno ao entrevistado” e nesta não foi diferente, o entrevistador, desenvolve a entrevista a partir de perguntas, utilizando estratégias para conduzir os tópicos e atingir os objetivos propostos pelo programa e pela emissora.

1. Procedimentos teóricos e metodológicos

O aporte teórico desta pesquisa tem embasamento nos princípios da Análise da Conversação, com o finalidade de “descrever o comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, visando compreender como se processa a organização do ato conversacional” (PRETI, 1991, p. 16), com isso justifica-se a escolha desta linha teórica, por se tratar da análise comunicativa da linguagem verbal

e interação face a face, bem como a troca de palavras e o diálogo, constituindo os papéis de emissor e receptor, cada qual em seu turno, considera-se também os princípios da interação e influência sobre o Um com o Outro. Segundo Kerbrat – Orecchioni, (1943, p.8):

“Para que haja troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam, ambos, “engajados” na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validação interlocutória”.

Em relação à validação interlocutória, foi considerada a interação como principal componente de comunicação, significação e construção de sentido, pois este faz parte de um fenômeno sociocultural, permitindo a verificação das relações interpessoais que podem ser observadas, analisadas e interpretadas, independentemente se as relações estabelecidas forem de culturas semelhantes ou distintas. A metodologia de pesquisa abordada neste trabalho, expõe-se nos princípios metodológicos empíricos-indutivo, de acordo com Galembeck (1999, p.109) “a língua falada tem, como uma de suas características mais evidentes, o fato de ser planejada localmente, no momento de sua execução”, a escolha por este método de pesquisa, deve-se ao material de análise ser parte de situação real de interação. O *corpus* foi transcrito de acordo com as convenções de Dino Preti na obra “Fala e Escrita em questão”, onde se encontra uma tabela com as normas para transcrição. Em se tratando do *corpus*, este foi obtido por uma entrevista transmitida pelo programa Globo Universidade, pertencente a Fundação Roberto Marinho-Globo, o principal objetivo desta transmissão é apresentar o que há de inovador em relação ao ensino, pesquisa e projetos científicos, desenvolvidos pelas Universidades no Brasil³.

³ Fonte: <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2011/06/globo->

1.1. Os Marcadores Conversacionais

Considerando as características da língua falada em que há ausência de etapa nítida de planejamento, espaço comum entre os interlocutores e envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto em questão, deve-se existir elementos essenciais para manter o corredor comunicativo e organizar a fala. Uma vez que esses elementos assumem função de assinalar as relações interpessoais e o envolvimento dos falantes, situar o tópico e articular as unidades linguísticas. Dessa forma os Marcadores Conversacionais, doravante MCs, têm um caráter multifuncional, podendo ser classificado de várias formas, o que será determinado pela análise do *corpus* em si. Com isso, podem estar situados em posição inicial, que marca o início do turno; medial que está relacionado ao desenvolvimento do tópico discursivo e em situação final com função de finalizar e permitir a troca do turno. O tópico discursivo está ancorado ao desenvolvimento da conversa entre os falantes, dessa forma é importante partilhar o tópico em questão, pois o contexto deve ser compreendido por ambos, para que haja interação satisfatória. Outro elemento importante para o desenvolvimento da conversa é o turno, que está relacionado ao período de tempo mantido pelos interlocutores durante a fala, podendo ser classificados em: passagem requerida, passagem consentida e assalto ao turno, sendo o último a intervenção sem que a passagem tenha sido permitida. (cf. Galembeck, 1993).

De acordo com Galembeck (1997, p. 832) “os marcadores conversacionais exercem genericamente uma função textual à medida que organizam e estruturam os textos. Essa função geral, porém, desdobra-se nas duas funções particulares indicadas a seguir: interpessoal e ideacional.” Os MCs de caráter ideacional tem como função a organização textual, o uso desses elementos dará sentido coeso ao ato enunciativo. Já os interacionais ou interpessoais podem ter vá-

universidade.html

rias funções, o que depende do *corpus* analisado, este não tem valor semântico ou coesivo, porém é usado como elemento fundamental para a interação dos falantes, por exemplo, pausa, abraços, risos e gestos. Inserida neste tópico de MCs interpessoais está a repetição, elemento de reformulação retórica, com finalidade estratégica situacional no momento de interação, podendo ser utilizada para a formulação textual no sentido de organização da conversação, mantendo a continuidade tópica, estabelecendo referências ou adquirindo novas características semânticas, sendo uma característica recorrente da fala. Que segundo Kock (2007, p. 126) “é reajustar, melhorar o que foi dito anteriormente, reiterando ao mesmo tempo, as ideias e argumentos básicos para assim, obter a concordância e/ou adesão do interlocutor vencendo-lhe a resistência”. Por fim o conceito de “face”, segundo Goffman citado por Burgo (2012), é uma imagem de si delineada segundo certos atributos sociais aprovados. A partir do contato social entre indivíduos se estabelece uma interação, a qual é compartilhada opiniões, julgamentos, ponto de vista o que determina o posicionamento dos autores acerca do assunto ou situação dos outros e de si mesmo.

2. Análise do *corpus*

Observou-se que a entrevista está dividida em 03 partes, sendo o tópico discursivo, a grosso modo, nada mais é do que o conteúdo a ser desenvolvido no decorrer da conversa, inserido pelo apresentador da Universidade “conhecimento e integração e cooperação”. Na primeira parte o entrevistador faz uma introdução sobre o país, esclarecendo a localização geográfica, o contexto histórico e a situação política atual, o espaço utilizado neste momento é uma grande área aberta, muito semelhante a um pátio escolar; a segunda parte acontece na biblioteca da Universidade, aparentemente para mostrar a rotina diária da entrevistada acerca do conhecimento; a terceira e

última parte é na República Estudantil da Universidade, lugar onde Maria Evangelina mora com outros 12 universitários de várias nacionalidades, permitindo um contato cultural e integração ainda maior com outras culturas e não apenas a brasileira. Nestas três partes da entrevista o desenvolvimento e a construção de sentido ocorrem durante o planejamento local, característica da oralidade. Em relação à construção de sentido veja o que afirma Fávero (1993, p.38):

“O sentido é construído durante essa interação e está assentado numa série de fatores contextuais como: conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado, circunstâncias em que ocorre a conversação, pressuposições, etc.”

Parte I: Pátio Universitário

1	Entrevistada: <u>Olha</u> ...a gente sente saudades ... saudades da casa ... <u>né?</u> ... e:: ... a gente imagina ... queàs vezes ... que está em Timor.
3	Entrevistador: Ah é?
4	Entrevistada: Sim

Na primeira parte da entrevista, posterior a introdução do entrevistador, observamos que a entrevistada introduz a sua resposta com um marcador conversacional de função interacional, olha, estes marcadores são utilizados quando o falante que tem o turno busca o envolvimento do ouvinte para a sua resposta (Galembeck & Carvalho, 1997). Há de se considerar também as pausas para a reformulação ou planejamento local quando a entrevistada argumenta sobre as “saudades da casa”, o item lexical ‘casa’ faz referência ao país de origem, Timor-Leste, esta suposição é confirmada durante a continuação da resposta da entrevistada (linha 02). Neste mesmo momento de interação, Maria Evangelina faz uso de outro marcador interacional,

né?,este além de chamar a atenção do ouvinte também busca uma aprovação discursiva no contexto da argumentação, de acordo com Burgo (2004, p.123):

“a busca de aprovação discursiva ou o simples contato fático com o interlocutor, a manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro e o conseqüente estímulo para que prossiga. Em outros termos, caracterizam-se pela checagem ou confirmação do funcionamento do canal comunicativo.”

O uso do marcador conversacional né por parte da entrevistada é empregado em outros contextos no desenvolvimento da entrevista, em posição medial, pode-se retomar ao conceito de Burgo (2004) no âmbito da aprovação discursiva, evidenciando uma permissão do entrevistador ou um sinal de aproveitamento por parte dele e segundo Marcuschi (1987, p.281): “em consequência, podemos até supor uma conversação sem sinais do ouvinte, se ele durante o turno do parceiro, não produz nenhum Marcador Conversacional. A implicação disso é que se supõe no ouvinte um interactante ativo mesmo nesta condição”, no decorrer da entrevista o entrevistador não pronunciou nenhum Marcador Conversacional de aprovação ou permissão de fala.

Parte II: Biblioteca

1	Entrevistador: Por quê você resolveu ... correr atrás de um curso superior mesmo tão longe do seu país?
	Entrevistada: É o objetivo <u>né?</u> ...objetivo que a gente quer ...para poder alcançar ... e para poder desenvolver ... o ... nosso país

5	Entrevistador: É difícil recomeçar ...entrar na universidade já tendo a idade que você tem?
	Entrevistada: <u>eu acho que</u> é difícil ... <u>pois</u> ... as coisas estão esquecidas ... <u>né?! Então</u> a gente tem que retornar de novo ...a saber
10	Entrevistador: Mas você recomenda ... <u>quem::</u> ... já chegou numa idade mais avançada ... que não foi pra universidade tá em tempo ainda então?
	Entrevistada: () isso é <u>vida</u> , é <u>vida</u> pra todos ... não depende da idade ... mas depende da <u>vida</u> ... <u>davida</u> que a gente tem ... se ainda tem <u>vida</u> para estudar ... vá estudar <u>né?</u> ... <u>avida</u> só acaba quando há morte ... <u>né?</u>

Nesta segunda parte da entrevista (linha 4/7), o uso do né?, por parte da entrevistada funciona como marcadores mediais de interação, com intuito de buscar aprovação do repórter em relação ao momento de vida em que ela está. Dessa forma, sua intenção é explicar que a decisão de vir ao Brasil estudar está relacionada a seu objetivo no momento, que mesmo estando longe da família e sentindo saudades do país de origem, este é seu projeto de vida. Percebe-se que a decisão de estar no Brasil está mais relacionada ao sentimento patriota de ajudar as pessoas do Timor-Leste, do que uma satisfação pessoal, pois ao falar “nosso país” deixa claro o sentimento de união perante os seus conterrâneos. “Eu acho que” (linha 7) podem ser entendidos como MCs de opinião, uma vez que ao ser perguntada sobre sua decisão de voltar a estudar com idade avançada a entrevistada expressa sua posição diante do assunto proposto, considerando a importância do saber. Este marcador pode ter função também de atenuação, pois a entrevistada não é incisiva em sua resposta, apenas

deixa claro sua opinião que pode ser vista de forma diferente por parte do entrevistador.

O uso de “quem” (linha 9) funciona como marcador de planejamento verbal, o entrevistador faz uso do prolongamento de fala, que sinaliza um planejamento verbal, em que o falante prolonga a fala afim de ganhar tempo e reformular o que será dito. Dessa forma, o entrevistador continua seu turno concluindo seu pensamento em relação à escolha da entrevistada em voltar a estudar. No final de sua fala (linha 10) o entrevistador faz uso da palavra “então”, que busca a aprovação discursiva e envolvimento do ouvinte em relação ao fato que foi dito e também sinaliza a troca de turno, passando a vez para a entrevistada dar sua opinião. Em relação ao turno, no que caracteriza “entrevista” ocorre por pares dialógicos, ou seja, pergunta e resposta (P-R), que segundo Galembeck (2001, p. 55) “uma das características mais evidentes da conversação é seguramente, o fato de que os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte”, e monitoramento assimétrico, uma vez que o entrevistador além de introduzir o tópico a ser abordado e relacionar os sub-tópicos de acordo com os objetivos do programa, este ainda tem autonomia de fala e direcionamento dos tópicos, mas visa o inter-relacionamento das partes com o intento de obter um bom material de trabalho segundo as exigências do programa. De acordo com Fávero (2001, p.80): “seu objetivo é sempre o inter-relacionamento humano, mas os direitos dos participantes não são os mesmos, pois o entrevistador faz as perguntas e oferece, em seguida, o turno ao entrevistado”. Ao final dessa parte da entrevista Maria Evangelina responde à pergunta repetindo várias vezes a palavra “vida” (linha 11, 12 e 13) nesse caso o uso de repetição tem o mesmo valor lexical, porém não a mesma característica semântica, podendo ser compreendido como determinação, oportunidade, objetivo e por fim valor de vida respectivamente.

Parte III: República Estudantil

1	Entrevistador: O fato de você conviver aqui com pessoas de outras culturas ...diferentes ... da sua ... isso é bom também para a sua formação?
5	Entrevistada: ai ...eu acho que é bom ... e interessante ... porque ... nos temos uma cultura lá em Timor ... chegamos aqui conhecemos a cultura do Brasil ... conhecemos a cultura da África ... é ... esse também é um intercâmbio muito bom pra gente né? A gente conhece novas culturas ...novas vivências ... é:: ... em cada dia da vida ... que a gente passa
	Entrevistador: Abre a cabeça né?
	Entrevistada: Pois::
10	Entrevistador: E como você se sente sabendo que vai poder ajudar um pouquinho seu país a se desenvolver com o conhecimento que você vai levar na sua bagagem pra lá?
14	Entrevistada: Assim né?! ... o conhecimento que a gente aprende aqui ... a gente vai aplicar aí na sala de aula ... os meninos ... da futura geração esses é que vão aprender ... esses é que vão acolher ... para poder desenvolver nosso país
	Entrevistador: Mas esta timorense paga um preço alto pra realizar o sonho de ter um diploma universitário ...a distância de casa e a saudade da família
	Entrevistador: Tem quanto tempo que você não fala ...com seus filhos e seu marido?
	Entrevistada: Já um ano ...

19	Entrevistador: Um ano? ... Desde quando você chegou?
	Entrevistada: Aí sim
	Entrevistador: Nossa. E como é que faz para lidar com esta saudade aí? É muito tempo um ano né?
	Entrevistada: é:: ... é muito tempo
25	Entrevistador: Como que você fica?
	Entrevistada: [Às vezes a gente ... assim né? às vezes a gente assim né? A gente manda uma mensagem pra minha filha e faz chegar ao pai e irmãos.
	Entrevistador: E como que fica seu coração aí? Apertado né?
30	Entrevistada: É:: ... por isso ... nem quero falar né?...
	Entrevistador: É difícil?
	Entrevistada: É difícil ...
	Entrevistador: E mesmo longe de casa, Maria Evangelina faz com que a gente se sinta em casa.
35	Entrevistada: Aí:: ... a gente sempre costumava dar para as pessoas ... (tem que) colocar assim ó.
	Entrevistador: Assim?
	Entrevistada: é.
	Entrevistador: Ficou bem?
40	Entrevistada: Tá:: ... tá lindo (risos)

41	Entrevistador: Obrigado, prazer em conhecer você
42	Maria Evangelina: Prazer também
43	Entrevistador: obrigado pelo presente
44	Maria Evangelina: Ah ...obrigado (abraço)

Outro marcador utilizado pela entrevistada foi o “pois” (linha9), o monitoramento feito pelo entrevistado por meio de uma pergunta, sobre a convivência com outras pessoas e culturas diferentes, além do questionamento se isso era bom para a formação da entrevistada. Na sua resposta ela esclarece que estar na Unilab é estar em um ambiente multicultural por vários países lusófonos. Na resposta dada a entrevistada apresenta um panorama cultural, retoma a cultura de Timor-Leste, o conhecimento da cultura brasileira quando se chega ao Brasil e a cultura dos países africanos, por meio do contato diário com os estudantes da Unilab. Retomando ao Marcador Conversacional “pois” (linha9) que perde sua função sintática explicativa para assumir a função semântica de afirmação, pelo fato da entrevistada concordar com o entrevistador. Esse modo de uso do “pois” é recorrente do português europeu, nesse caso há uma influência do colonizador na fala da entrevistada. Diferentemente do “pois” (linha7) da II parte da entrevista que funciona como explicação, elemento que não é típico da fala e sim da escrita. É importante ressaltar a relação de intercâmbio no qual a entrevistada está inserida e se retomarmos o contexto histórico de colonização portuguesa durante mais de 500 anos em Timor-Leste, e posterior à independência no ano de 2002, há uma forte influência do português europeu, no português leste-timorense e no português dos países africanos.

Na terceira parte da entrevista, já na República Estudantil, a entrevistada é questionada sobre a saudade e o tempo que está sem

falar com a família, e por um momento de desabafo acaba assaltando o turno do entrevistador (linha 24, 25, e 26) e há uma sobreposição de vozes, o entrevistador permite que Maria Evangelina continue, no entanto esse assalto de turno fez com que ela reformulasse sua fala e ao ser questionada sobre como fica o coração se sente com a face arranhada, expondo sua face negativa, que segundo Koch (1992, p.107):

“Cada indivíduo tem uma face externa (“positiva”) – o modo como deseja ser visto pelos outros – que gostaria de ver preservada. Por outro lado, possui também uma face interna (“negativa”), seu território íntimo, que não gostaria de ver invadido”.

Que neste momento para ela é a saudade da família, pede para não responder a pergunta, mas confirma que é difícil após a insistência do entrevistador. Para o leste-timorense a família⁴ é muito importante, e estar junto com os seus torna-se prioridade, justificada pelo domínio indonésio e o genocídio no momento da retirada das tropas militares, fez com que muitas crianças ficassem órfãs e fossem cuidadas por outros, que por solidariedade a “família leste-timorense/povo” criou e educou como se fossem filhos. Apesar de tudo que passou até finalmente se tornarem um país independente “República Democrática do Timor Leste”, os leste-timorenses carregam no olhar sofrimento e esperança, sofrimento de um passado não tão distante e a esperança de um futuro promissor, um olhar de uma criança que mesmo com fome sabe sorrir e aproveitar a água da chuva que escorre das montanhas e passa no canal que há em frente à escola, a água da chuva que lava e lava os sofrimentos do passado e que traz sorriso e esperança aos miúdos do futuro.

Na última parte da entrevista, o entrevistador comenta que mesmo longe de casa Maria Evangelina faz com que ele se sinta em

⁴ O conceito de família para o timorense é distinto do nosso (brasileiros), para o timorense a família vai mais do que o pai, mãe e irmãos.

casa, ela o presenteia com um *tais*⁵. A entrevistada explica e mostra ao entrevistador como se coloca o tecido, o entrevistador a questiona se ficou bem ou não, (linha 36, 37 e 38), no entanto para o leste-timorense os conceitos de moda são distintos dos nossos conceitos, não há necessariamente uma combinação de cores ou estilos, o que há são roupas usadas para cobrir o corpo e proteger do sol e da chuva, assim como da exposição do indivíduo de acordo com os padrões exigidos pela igreja católica. Com isso se o leste-timorense usar calça amarela com camisa verde florida e um sapato azul estará bem vestido, pois a roupa é artigo funcional e não social⁶, a entrevistada confirma a pergunta do entrevistador e ri, por meio dos risos revela sua surpresa na pergunta, considerando que para o leste-timorense tudo estará sempre lindo e combinando (linha 40), esta é uma preocupação cultural do brasileiro e não é relevante para a cultura daquele país.

Outro aspecto interessante nesta parte final da entrevista é quando a entrevistada agradece pelo agradecimento do entrevistador (linha 44), Kerbrat-Orecchioni (2006, p.103) contribui por meio da variação cultural o seguinte aspecto “essas regras não são universais: elas variam sensivelmente de uma sociedade para outra”, em se tratando da cultura leste-timorense há de se considerar que parte da história do povo é de submissão ao estrangeiro, exemplificando, em uma conversa entre um estrangeiro e um leste-timorense as respostas serão sempre positivas.

Como todos os leste-timorenses Maria Evangelina soube cativar o entrevistador por meio de um abraço fraterno e altamente expressivo no encerramento da entrevista, postula-se então que o entrevistador saiu modificado em relação ao seu conhecimento de mundo e expe-

⁵ Tecido típico do Timor-Leste, normalmente usado para presentear alguém com alguma importância social ou alguma importância pessoal, em cerimoniais de despedida ou apresentação.

⁶ Grifo nosso – após conversa informal com a entrevistada por telefone.

riência de vida, posterior a troca de informação e a interação com a entrevistada.

Considerações finais

A partir do que foi postulado neste trabalho e analisado sob a perspectiva da Análise da Conversação, foi verificado a importância dos MCs nos atos de fala, considerando que nem sempre o mesmo elemento terá a mesma função e significação, por isso é importante analisar o *corpus* de forma singular e entender os mecanismos de interação entre os falantes. O uso dos MCs tem por função melhorar a interação entre os interlocutores a fim de estabelecer coesão e coerência no texto falado, nesse sentido funciona como articuladores não só de unidade cognitivo-informativas do texto, mas também, de estratégias de caráter multifuncional que contribui para a fluência enunciativa.

Maria Evangelina usa elementos de aprovação discursiva, o que caracteriza sua posição de inferioridade em relação ao entrevistador, nessa entrevista há o uso recorrente dos marcadores conversacionais na posição de meio de frase, que exerce a função de permissão, consentimento e autorização do ouvinte, que simboliza o acompanhamento atencioso da fala do outro, checagem ou confirmação do funcionamento do canal comunicativo e a interação entre os falantes. Considerando que a língua portuguesa⁷ ainda estabelece um amplo domínio em relação ao povo leste-timorense, ora uma relação de submissão, ora de respeito. Aparentemente o povomantém uma tendência em concordar com o discurso do estrangeiro, fato que pode ser explicado ao retomarmos o contexto histórico do país colonizado para explicar a relação de aceitação da língua portuguesa como parte do país advinda do colonizador.

⁷ A língua que nos referimos é a língua do colonizador e não a língua portuguesa variante leste-timorense.

Referências

- BURGO, Vanessa H. Um estudo dos marcadores conversacionais nas línguas portuguesa e inglesa. In: BARBIERI DURÃO, A. B. A. (org.) *Linguística contrastiva: teoria e prática*. Londrina: Moria, 2004, p. 121-130
- _____. Efeito de atenuação no discurso político: polidez e preservação da face em discursos verbais. *Revista Investigações* - Vol. 25, nº 2, Julho/2012.
- FAVERO, L. L. A Entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (org.) *Fala e escrita em questão*. 2ª. edição. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- FAVERO, L. L. A. O tópico conversacional. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993, (Projetos Paralelos: V.1)
- FÁVERO, L. L. O tópico conversacional. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 33-54.
- GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 55-80
- KERBRAT-ORECCHIONE, Catherine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. Trad. Carlos Piovezanni Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KOCH, Ingedore G. Vilhaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- LESME, A. Unilab – Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Disponível em: <http://vestibular.brasescola.com/universidades/universidade-integracao-lusoafrobrasileira-unilab.htm>. Acessado em: 25/05/2013.
- MARCUSHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções. In CASTILHO, A T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 281-322.
- PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo, Contexto, 1991.
- Programa Globo Universidade. Unilab. Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-universidade/v/unilab-integra/2473614/> Acessado em: 21/05/2013.
- SILVA, K. C. & SIMIÃO, D. S. (orgs) *Timor-Leste por trás do palco: cooperação internacional e a dialética da formação do Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMS, 2007.
- THOMAZ, L. F. F. R., *Babel Loro Sa'e*. O problema linguístico de Timor-Leste. 1ª. ed., Instituto Camões, 2002.
- URBANO, H. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 81-102.